



Bandeirantes – *passado, presente e futuro.*

Resta perseverar na obra que iniciaram: o Brasil – mestiço, grande e generoso.

Aldo Rebelo - *Jornalista, ex-Deputado Federal por São Paulo (PCdoB), Presidente da Câmara Federal e Ministro da Defesa do Brasil*

O Estado de S. Paulo – Caderno A-Espaço Aberto;p.2: 07/12/216

‘O Planalto Deserto’ Vinícius de Moraes e Tom Jobim

“Fernão Dias, Anhanguera, Borba Gato,/

Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o Oeste,/

Da conquista do agreste,/

E da grande planície ensimesmada!”

A onda “**politicamente correta**” e o revisionismo histórico contemporâneo escolheram o bandeirante como alvo preferencial, a pretexto de vingar injustiças pretéritas e julgar fatos e personagens do passado à luz de critérios, paradigmas e valores da atualidade. O **Monumento às Bandeiras**, de **Victor Brecheret**, foi sucessivamente alcançado pela fúria de vândalos

e houve desavisados que propuseram simplesmente a sua remoção do Parque do Ibirapuera.

O monumento, apelidado carinhosamente pelos paulistanos



de “**empurra, empurra**”, é um colosso de 50 metros de comprimento por 16 de altura, constituído de 240 blocos de granito de 50 toneladas cada um, símbolo da cidade de São Paulo e cartão-postal do Brasil.

Victor Brecheret, patriota ítalo-brasileiro, protagonista da **Semana de Arte Moderna**, dedicou mais de 30 anos de trabalho à obra, da vitória no concurso

de maquetes, em **1920**, até sua inauguração, em 1954.

O artista concebeu o monumento com a presença do português,

do negro e do índio, unidos no esforço ingente de arrastar uma canoa, simbologia da nação miscigenada



e reconhecimento da contribuição das três raças na formação do povo brasileiro e na construção do Brasil. Em cada lado do granito, os versos de **Guilherme de Almeida** e de **Cassiano Ricardo** exaltam os homenageados e enaltecem o papel que cumpriram na dilatação do território pátrio e na grandeza do País.

Jaime Cortesão, em magistral biografia de Raposo Tavares, credita o esboço do mapa atual do Brasil ao bandeirante e à sua Bandeira dos Limites – epopeia que percorreu 12 mil quilômetros durante três anos e incorporou territórios depois consolidados no Tratado de Madri. Ao se deparar com as façanhas do biografado,

escreveu, entre a surpresa e o espanto: “*Agora levanta-se a tampa de granito de um sepulcro, onde dormia um gigante*”.

O bandeirante é o português e o índio mais o mameluco, de mãe índia, pai português e língua materna, isto é, o tupi. A bandeira não existiria sem a logística indígena, as suas canoas, suas roças, o conhecimento dos rios, e seus caminhos – os peabirus [*Os peabirus (ou “veredas de pé posto”) eram caminhos indígenas, pré-cabralinos, interligando os vários grupos de índios por até milhares de quilômetros, existentes em várias regiões do Brasil*] –, que ligavam São Vicente ao que hoje é o Rio Grande do Sul, ao Paraguai e ao Peru, quando não havia mapas que orientassem os aventureiros em suas jornadas.

Desconfiados e arredios, o índio em relação ao branco estrangeiro e o bandeirante nas suas disputas com os jesuítas e as autoridades de Lisboa, eles uniram seu destino na base comum do sentimento libertário e de objetivos determinados: o índio, a guerra às tribos inimigas; o português e o mameluco, a busca do ouro, o apresamento do índio inimigo, o combate ao jesuíta e ao espanhol.

A difamação do bandeirante é obra antiga, promovida pelos jesuítas espanhóis, vítimas preferenciais das arremetidas dos paulistas – o outro nome dos bandeirantes – contra as reduções de Guairá, Itatim e Tape, hoje terras do Paraná, de Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul.

A historiografia brasileira, destacadamente a de **Capistrano de Abreu**, não dispondo de outras fontes na época, abraçou os relatos do **padre Ruiz de Montoya** sobre a violência do bandeirante.

A vasta pesquisa de **Jaime Cortesão** questionou os relatos castelhanos e os atribuiu à acirrada disputa entre Portugal e Espanha pelo espaço colonial. A historiadora **Anita Novinsky**, em trabalho recente divulgado na Revista da USP, partindo de pistas do próprio **Jaime Cortesão**, oferece outra explicação: muitos dos bandeirantes eram cristãos-novos, perseguidos em Portugal e no Brasil pela Inquisição, dirigida pelos jesuítas. Logo,

segundo **Anita Novinsky**, o confronto seria um acerto de contas entre vítimas e algozes do processo inquisitorial.

O **Monumento às Bandeiras** é mais que a expressão do



Monumento às Bandeiras: no Parque do Ibirapuera SP/SP

trabalho e do talento de um grande artista, razões já suficientes para ser defendido e preservado. Ele ultrapassa essas virtudes ao perpetuar um

momento sublime da gênese brasileira, do surgimento da sociedade mestiça, ousada, empreendedora, libertária e democrática para os padrões da época. Ofendê-lo e maltratá-lo é ferir o que temos de mais profundo e duradouro de nossa identidade de povo e de nação.

As vicissitudes do bandeirante e de sua existência, das violências que praticou e dos abusos que cometeu não devem acobertar o esquecimento da civilização e dos valores perenes que construiu.

Gilberto Freyre, no notável ensaio, “**A propósito de paulistas**”, considera justo atribuir ao paulista antigo e ao “**bandeirismo**” a antecipação do sentimento de “**legitimidade brasileira**”, cultura, e quase nacionalidade, antes mesmo da rebelião dos pernambucanos contra a ocupação holandesa. E adverte que, “*sem essa identificação, as regiões e as províncias são apenas paisagens, dóceis a qualquer plástica que o adventício ou o conquistador lhes queira dar*”.

Certo escritor europeu conta que, passeando uma vez sua solidão pelas ruas de Paris, compreendeu que não conhecia ninguém na grande cidade, salvo as estátuas. E como não tinha com quem falar, conversou com elas sobre grandes temas humanos.

A Nação tem o sagrado direito à sua memória, a dialogar com seus antepassados, indagar de suas estátuas e seus monumentos os mistérios dos acontecimentos remotos e as incertezas do destino, pois, afinal, resta perseverar na obra comum que com tanto sacrifício eles **iniciaram: o Brasil, mestiço, grande e generoso – e não “paisagem dócil” ou contorno irrelevante no mapa do mundo.**



***Aldo Rebelo** – É Jornalista, tendo sido Deputado Federal por São Paulo (PCdoB), Presidente da Câmara Federal e Ministro da Defesa do Brasil: “resta preservar na obra que iniciaram: O Brasil mestiço, grande e Generoso!”*